

Jornal escolar e vivências humanas: um roteiro de viagem

Jorge Kanehide Ijuim*

Índice

1	Introdução	2
2	Descrição da pesquisa	4
3	Metodologia	13
4	Análise dos resultados	15
4.1	Revisão de mundo	16
4.2	Viabilizando projetos pedagógicos	18
4.3	Ambiente para as afetividades	24
4.4	Tomando atitudes	26
4.5	A pedras e as brechas	29
5	Conclusões	31
6	Referências Bibliográficas	33

*Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA/USP. Professor de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande - MS.

Resumo

Este trabalho teve o objetivo de compreender como a produção do Jornal Escolar pode contribuir com o processo de humanização entre os participantes, no ensino fundamental e médio. Os estudos iniciais apontaram para a necessidade de buscar os sentidos aos termos Educação e Humanização e, além disso, que jornalismo pode corresponder a essa aspiração de contribuir com o processo de humanização no meio escolar. A pesquisa permitiu algumas constatações de notada importância: a produção de jornais escolares, entendida como processo – como instrumento complexo –, flexível e não autoritário, promove tanto iniciativas individuais, como também trabalhos participativos e/ou coletivos. Em outros termos, é processo de muitas mãos e, portanto, pode favorecer o desenvolvimento da humanização de todos – educandos e educadores que passam a ver a escola como comunidade, família.

1 Introdução

Este trabalho representa minha compreensão atual sobre o processo de produção do Jornal Escolar, tema que venho refletindo desde 1987, realizando experiências no ensino fundamental e médio. Nesse presente estágio (1999-2002), procurei compreender as possibilidades da *produção de jornais como contribuição ao processo de humanização no meio escolar*.

Quando iniciei meus estudos, tomei por base Célestin Freinet que, já no princípio do século XX, produzia jornais com seus alunos. Com essas atividades, ao despertar a espontaneidade e a livre-expressão, o professor desenvolvia em seus alunos o “potencial do pensamento” e o desejo de exteriorização desse pensamento – de querer e poder expressá-lo. Ao mesmo passo, estimulava o educando a situar-se no mundo, exprimir suas idéias, sentimentos e observações, inseridos num contexto, que permitia tornar o processo mais educativo possível, com o objetivo de

englobar essa técnica para a vida. Esta possibilidade de exteriorização do pensamento e a sua socialização, através do jornal, constituíam motivação para que, no desenvolvimento do processo, os alunos pudessem caminhar com os próprios pés (1974:8).

Freinet não imaginava que a criança fosse se transformar, quando adulto, em exímio *jornalista*, mas que o incentivo dessa *atividade-meio* pudesse criar, como gostava de dizer Durkheim, “um estado interior profundo, uma espécie de polaridade de espírito que o oriente em um sentido definido, não apenas durante a infância, mas por toda a vida” (*in Morin, 2000a: 47*).

Na tentativa de compreender a relação entre o Jornalismo e a Educação, adveio o entendimento de que ambos confluem no ponto de vista epistemológico, pois pertencem a um âmbito maior, qual seja, o da cultura. Edgar Morin, ao versar sobre a diversidade cultural e a pluralidade de indivíduos, elucida que

“não há sociedade humana, arcaica ou moderna, desprovida de cultura, mas cada cultura é singular. Assim, sempre existe a cultura nas culturas, mas a cultura existe apenas por meio das culturas” (*Morin, 2001: 56*).

O Jornalismo e a Educação, por meios, métodos e técnicas distintas almejam contribuir com a *conservação* e a *geração* de cultura, como também de interação de culturas. Dessa forma, minha busca de aproximação entre a Escola e os jornais assume também o propósito de propiciar à escola a apropriação de noções, posturas e técnicas do Jornalismo que lhe proporcione maior diversificação em suas ações de conservação, geração de cultura e de interação de culturas.

Esse papel histórico do Jornalismo de *conservar/regenerar/interagir culturas* deveu-se a esforços individuais e coletivos, em várias culturas, pela *busca/preservação* de um dos mais sublimes princípios humanos: *a liberdade*. Karl Marx considera a liberdade de imprensa como condição da própria liberdade do ser humano (*Marx, 1980: 58*).

Tal característica essencial do Jornalismo, a “livre-expressão” conquistou maior força e mais importância na medida que possibilitou muito mais a *difusão de idéias* do que simplesmente a difusão de informações. O indivíduo pode orientar-se pela informação, mas as idéias difundidas por uma imprensa livre podem mobilizar as pessoas pelo debate, pela reflexão de mundo.

2 Descrição da pesquisa

Ao longo desses anos, desenvolvi uma *publicação*, hoje intitulada “*Jornal escolar e vivências humanas: teoria e técnica em apoio a professores do ensino fundamental e médio*”, que foi ponto de partida para esta fase do trabalho (1999-2001). Não tanto preocupado com a propagação imediata das propostas, mas com o seu amadurecimento, iniciei a pesquisa inquieto com algumas questões fundamentais:

- Como a produção de jornais escolares pode contribuir com o processo de humanização, para que o ensino não seja apenas reprodução de informações, mas processo que proporcione vivências humanas?
- Que noção de jornalismo pode ser adotada pelo jornal escolar para que contribua com o processo de humanização no meio escolar?

Nessa trajetória, deparei-me na instituição escolar com tendências e posturas pedagógicas diversificadas. Dessa forma, procurei conhecer as linhas gerais dessas correntes pedagógicas em questão, partindo do choque provocado entre o ensino conservador e reprodutivista e os avanços do construtivismo e, mais recentemente, a linha sócio-histórica. A Teoria da Complexidade propiciou-me condições de levar aos professores meu entendimento de forma mais coerente. Pela linha sócio-histórica, vou além da integração entre *sujeito e objeto de conhecimento* (visão construtivista) para entender esta *interação mediada pelo social*

(linha sócio-histórica); pelo Pensamento Complexo, supero a limitação do materialismo para compreender a transcendência do explicável e do experimentável, para entender as *ações, retroações, acasos desse mundo complexo*.

A partir das duas preocupações iniciais – *como o jornal escolar pode colaborar com o processo de humanização e que noção de jornalismo pode ser adotada para esse fim* – procurei compreender as razões de, na Educação e no Jornalismo, termos contextos indesejáveis que necessitem superação. A suposição fundamental refere-se à forma de pensar contemporânea ainda muito influenciada pelos paradigmas fundados na certeza, quais sejam o Medieval ou Salvacionista e o Científico ou Mecanicista. Estes nos deixaram alguns legados que ainda estão por ser contornados:

Paradigma Medieval	Paradigma Mecanicista
<ul style="list-style-type: none"> ● Submissão ● Passividade ● Obediência ● Hierarquia rígida ● Doutrina salvacionista – <i>sofrer agora para ser feliz depois, no paraíso.</i> 	<ul style="list-style-type: none"> ● Redução de toda realidade à soma das partes – <i>fragmentação, especialização, disciplinaridade</i> ● Redução do real ao experimental – <i>certeza, divisão sujeito-objeto</i> ● Homem e todos os seres vivos vistos como máquinas ● Primado da ciência, da experiência e da razão ● Idéia de homem dominador do planeta ● Individualismo ● Determinismo

Do pensamento reducionista e simplificador, esboça-se um paradigma emergente que baseia-se no pensamento complexo. Edgar Morin destaca que o pensamento disjuntivo/reducionista é mutilador e conduz a ações mutiladoras, porque distingue, separa, reduz e simplifica. Por esse caminho, Morin (sd2: 20-23) expõe a noção de complexidade por três ângulos: um tecido (*complexus* - o que é tecido em conjunto) de constituintes heterogêneos inseparavelmente associados. A complexidade é um tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos,

que constituem o nosso mundo fenomenal. Por fim, a vida não é uma substância, mas um fenômeno de auto-eco-organização extraordinariamente complexo que produz autonomia.

Dessa forma, pode-se ultrapassar a visão mecânica do universo para entendê-lo como sistema aberto (Greco, 94: 68-69), em que o todo não se reduz à soma das partes, mas leva-se em conta todas as relações: todo + partes + relações entre as partes + relações do todo com as partes + relações das partes com o todo. Por isso, a interdisciplinaridade é a metodologia que supõe a integração do conhecimento e propicia uma nova atitude mental e de alternativa de expressão educacional, que possibilita o inclusivismo, a relativização, a priorização e a capacidade de integração do conhecimento. Se é sistema aberto, que admite acasos, retroações, incertezas, tem o probabilismo no lugar do fatalismo ou do rígido determinismo das visões anteriores. Por isso, busca o estabelecimento dos compromissos espiritual (místico), ético, social e político e a abertura para a transcendência, sem os quais o ser humano não se assume plenamente como tal.

Da visão sistêmica da teoria da Complexidade, podemos pensar, de forma amplificada, o sentido do termo humanização. Nessa tentativa, recorro à noção apresentada por David Steindl Rast:

“Uma pessoa é definida pelo relacionamento que estabelece com outros, com outras pessoas e com outros seres em geral. Nascemos indivíduos, mas a nossa tarefa é nos tornarmos pessoas, graças a relacionamentos mais profundos e mais intrincados, mais altamente desenvolvidos” (*in Capra, 1998: 92*).

Humanização, assim, não se dá apenas pelas luzes da razão e do conhecimento, nem tampouco pelo domínio da natureza, mas pelos relacionamentos entre seres, desses com a natureza e “con-sigo próprios”.

Por essas noções aqui discutidas, que educação podemos imaginar como humanizadora? Paulo Freire associa a educação à *libertação*, não como um ideal abstrato, mas como um desafio

histórico. Para o autor, a humanização não pode ocorrer a não ser na própria história dos homens, como projeto utópico das classes dominadas e oprimidas no sentido da transformação do mundo opressor. Essa libertação não se dá dentro da consciência dos homens, isolada do mundo, senão na práxis dos homens dentro da história que, implicando a relação consciência-mundo, envolve a consciência crítica desta relação (Freire, 1979: 98).

Ao discutir valores e objetivos da Educação, Dermeval Saviani associa a humanização à liberdade e à transformação do meio. A promoção do homem, ou humanização, significa tornar o homem cada vez mais capaz de conhecer os elementos de sua situação para intervir nela, transformando-a no sentido de uma ampliação da liberdade, da comunicação e colaboração entre os homens. A valoração da vida humana é o próprio esforço do homem em transformar o *que é* naquilo que *deve ser* (Saviani, 1993: 54-55).

Que jornalismo pode contribuir com o processo de humanização no meio escolar? Cabe questionar se o modelo consagrado pelos manuais da grande imprensa amolda-se – sem qualquer crítica – às proposições de contribuir de forma expressiva com a Educação. Lanço, então, uma suposição: – para contribuir com o processo de humanização no meio escolar, devemos contar com um jornalismo humanizado.

Talvez seja redundância falar em *jornalismo humanizado*. Alberto Dines em *O papel do jornal* lembra-nos que o jornal, como veículo de comunicação, abriga o caráter de comunhão, de integração entre pessoas. Ao jornalismo cabe a tarefa de produzir o *relato das ações humanas* e, retomando a figuração de Abraham Moles, ser *vasos comunicantes* na sociedade. Mas, ao observar o cotidiano do jornalismo, podemos considerar essa redundância descabida?

Esse questionamento ganha sentido à medida que observamos alguns sinais de raízes profundas nos paradigmas fundados na certeza. Ao adotar a racionalidade da ciência, a imprensa assume também uma visão de mundo que crê na concordância perfeita entre o *racional* e a *realidade*. Valorizando a experiência, o empí-

rico, do inteligível ao previsível e mensurável institui a crença de que a imprensa deva *produzir verdades*. O *conhecimento certo* e a *consciência autônoma* inspiram a supervalorização do conceito de que a verdade está potencialmente no indivíduo. Por caminhos diferentes, Freud, Marx e Nietzsche caracterizaram uma nova relação entre o patente e o latente – entre a aparência e a realidade (Ricoeur, 1978: 128-129). Sem apegarmos às “certezas”, podemos então aceitar que a imprensa *busca a verdade*, o que está longe de *produzir a verdade*.

Como visão totalizante do universo, o pensamento cartesiano e a racionalização partem de dados parciais ou de um princípio único. Ao privilegiar as partes para conhecer o todo, determina a fragmentação na forma de pensar “como fazer”. Dessa forma, o repórter corre o risco de concentrar sua atenção nos *fatos em si*, desprezando as múltiplas conexões com outros fatos, perdendo-se a *contextualização* adequada e necessária à compreensão das ações, muito menos do todo.

A objetividade positivista entende que o sujeito deve se desvencilhar de qualquer condição subjetiva. Mas admitindo o caráter inclusivista e integrador, além de acreditar na necessidade de pensar por contradição, pode-se admitir a dificuldade do observador de dispensar sua subjetividade. O aprimoramento dos sentidos, a elevação da sensibilidade do sujeito permitem-lhe a elevação de suas habilidades para observar e se expressar. Para *tecer o presente*, como sublinharam Cremilda e Leandro, requer identificar a essência, os sentidos dos fenômenos, o que parece pouco viável ignorando-se a condição subjetiva.

Discutidos esses pontos podemos, então, assinalar algumas características desejáveis a essa noção de jornalismo:

Relato das ações humanas – o fazer jornalístico *busca versões verdadeiras* e não, necessariamente, *produz a verdade*, pois o jornalista não se relaciona com um *objeto* de conhecimento, mas com *outros seres humanos* envolvidos no processo comunicativo. Dessa forma, sua busca envolve a compreensão das

ações dos sujeitos da comunicação – é a expressão dos sentidos da consciência.

Na procura da *essência* dos fenômenos, o comunicador atribui-lhe *significados*, os *sentidos*, para proporcionar ao público, mais que a explicação, a *compreensão* das ações humanas. Se busca a compreensão, conta com observação objetiva, mas para isso, recorre a um caráter humano nato, a subjetividade, o fundo intimista capaz de tornar a narração viva – humana. A observação e a expressão dessa compreensão, assim, dispõem dos recursos de todos os órgãos dos sentidos, que envolvem emoções, afetividades - *subjetividades*.

Habilidades humanas/humanizadoras – Se o fazer jornalístico deve produzir o relato verdadeiro e compreensível das ações humanas, cabe verificar algumas necessidades e/ou habilidades do comunicador para realizar tal tarefa. A expressão dos sentidos de fenômenos é ação simultânea e imbricada às operações mentais do observador-comunicador, enquanto sujeito individual e como membro de um todo – histórico e social. L.S. Vygotsky alerta que

“O significado das palavras é um fenômeno de pensamento apenas na medida em que o pensamento ganha corpo por meio da fala, e só é um fenômeno da fala na medida que esta é ligada ao pensamento, sendo iluminada por ele. É um fenômeno do pensamento verbal, ou da fala significativa – uma união da palavra e do pensamento”.
(Vygotsky, 1987: 104)

Por esse raciocínio, pode-se compreender que um relato das ações humanas é fruto da *observação/percepção* e, ao mesmo tempo, da *reflexão* desses fenômenos. A compreensão de um fato é, simultaneamente, a *expressão* e a *reflexão*. Ou ainda, no dizer de Vygotsky, o pensamento verbalizado ou a fala significativa. A relação *observação-observado-percebido* depende, por um lado,

do grau de congruência entre o sujeito-comunicador e o momento histórico social, ou ainda, depende da visão de mundo [repertório, cognitivo e sensorial].

Mais um aspecto interfere significativamente no fazer jornalístico: a *responsabilidade* ou a *autoria* do relato das ações humanas. Chaparro entende que o jornalismo é um processo social de ações conscientes, controladas ou controláveis. Como processo social, essas ações supõem *propósitos* e *intenções* de executar um fazer. Assim, “cada jornalista é responsável moral pelos seus fazeres” (Chaparro, 1994: 22).

Essa responsabilidade moral está vinculada aos princípios éticos do jornalismo e, necessariamente, do jornalista. Bertrand Russell enfatiza que as escolhas do ser humano decorrem de um quadro de referência determinado pelas condições histórico-sociais, assim como suas opções de conduta são determinadas por motivos objetivos e subjetivos. O certo ou o errado, o bem ou o mal são definidos por uma comunidade com a atribuição de valores, segundo uma ideologia, de conceitos de louvor ou censura, estabelecendo uma consciência que orienta as ações do indivíduo. Uma ação objetivamente certa, para Russell, é a que melhor serve aos interesses do grupo eticamente dominante – desejadas pelo grupo. O quadro de referência pode ser ampliado e/ou reformulado de acordo com a vivência, do exercício do debate, da reflexão do indivíduo e do grupo. Esse exercício ético, ou seja, o debate e a reflexão contínua sobre o desejável para si e para os outros podem refletir na elevação do nível de consciência (Russell, 1956: 91).

Essa postura reflexiva é um aspecto indispensável ao jornalista para a sua tarefa de atribuir significados aos fenômenos. Pelo exercício ético, poderá melhor pensar-expressar, compreender e levar a compreensão à audiência, como autor e responsável moral por seus fazeres e compromissos. Com a ampliação contínua do seu quadro de referência, seus fazeres poderão constituir, mais que “notícias”, os relatos humanizados e humanizadores que promovam o debate, que contribuam com a inter-relação de pes-

soas com quadros de referências diferentes. Se este compromisso constituir um propósito e um dever e *querer-fazer do jornalista*, ele estará contribuindo para estender ao seu público o exercício ético do qual participa diuturnamente.

A partir dessa consciência e responsabilidade inerente a cada profissional, posso assinalar aqui os atributos que considero indispensáveis para a prática jornalística:

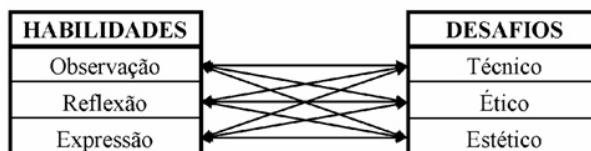
Observação/percepção	
Reflexão	de mundo
Expressão	

O compromisso do comunicador envolve a *observação* e *reflexão* de mundo, de modo que, *percebendo-o*, possa *expressá-lo*. Não lhe cabe somente a tarefa técnica, mas a função social de comprometer-se com o mundo, de reconhecer que sua autoria responsável deve ser fruto do diálogo social, de sua cumplicidade/solidariedade com o público – os outros seres humanos.

Habilidades x desafios – Diante desse quadro, é interessante alinhar essas habilidades aos desafios propostos por Cremilda Medina (1999: 26).

Se ao comunicador, em seu dia-a-dia, são exigidas as habilidades de *observar*, *refletir* e *expressar* o cotidiano, este tem no desafio *técnico* a busca do aperfeiçoamento das narrativas e os recursos tecnológicos como meios que podem levar à veracidade e à compreensão dos fenômenos complexos cognitivos e sociais. Pelas técnicas narrativas cada vez mais aperfeiçoadas, o comunicador desenvolve sua capacidade de expressão e apreensão do discurso do outro. No sentido *ético*, encontra o campo que permite a elevação do nível de sua consciência e o alargamento de sua visão de mundo, aceitando a alteridade; no aperfeiçoamento ético está a âncora do fazer jornalístico, que também lhe permite a sintonia e a cumplicidade com o universal. Nesse esforço contínuo, pelo

alargamento da visão de mundo, está o quesito indispensável ao comunicador de reflexão. Do ponto de vista *estético*, transcende as técnicas para alcançar a criatividade, para levar às narrativas signos contextualizados e regenerados e dar vazão à visão solidária e à intuição – pela empatia, sentimento de intimidade. No aperfeiçoamento estético está, por um ângulo, a possibilidade de obterem-se relatos mais criativos e contextualizados e, por outro, a maior capacidade de observação/percepção.



Numa tentativa de síntese, aponto no quadro a seguir minha compreensão sobre uma noção de jornalismo humanizado:

Jornalismo humanizado	Habilidades do comunicador	Desafios ao comunicador
Relato veraz, Compreensão sobre as ações humanas	Observação/percepção Reflexão Expressão	Técnico Ético Estético

Por este entendimento, um comunicador que desenvolva tais *habilidades* e esteja consciente desses *desafios*, terá maior probabilidade de corresponder a um *jornalismo humanizado*. Seu trabalho – enquanto processo e enquanto consequência – pode constituir em contribuição ao processo de pessoalização – ser vasos comunicantes de solidariedade, compaixão, humanização. Ao educador do ensino fundamental e médio, parece-me fundamental que compreenda a essência desse ‘jornalismo humanizado’. As *habilidades* e os *desafios*, aqui discutidos, considero-os meios interessantes e adequados para se chegar aos ‘relatos humanizados’. Mais que isso, no ponto de vista da educação humanizada

que vislumbro, a *internalização* dessas habilidades e desafios representa a postura que pode proporcionar a educadores e educandos as oportunidades de re-significação de mundo, a elevação de consciência, a maior e melhor compreensão da complexidade.

3 Metodologia

Para trabalhar com um grupo inicial de 20 professores tornou-se necessária, antes de tudo, uma exposição sobre alguns frutos que já havia colhido em experiências passadas, como forma de tornar compreensíveis algumas possibilidades do projeto. Também foi importante tentar desmistificar a produção de jornais, para que sentissem e percebessem que publicar um jornal não é algo impraticável, distante. Isto foi possível através de uma primeira oficina, iniciando com uma discussão teórica, a apresentação de alguns pressupostos do projeto relativos à prática jornalística. No dia 13 de março de 2000, os *professores-repórteres* experimentaram por um dia o desafio de observar, perceber, refletir e atribuir sentidos, que pude constatar nos textos publicados em uma edição do jornal. Dessa primeira oficina sucederam várias outras reuniões e minhas visitas às escolas para acompanhamento das atividades, que oportunizaram o aprofundamento de alguns aspectos teóricos, filosóficos e técnicos – foi um exercício constante que possibilitou maior consciência e prática das várias possibilidades e alcance do projeto. Dessa “oficina permanente” de prática reflexiva, efetivou-se o que podemos chamar de estratégia para a produção do jornal escolar, que passo a expor:

- Professores da mesma série (e de outras séries, se possível) organizam-se e discutem sobre como o jornal escolar pode ser útil ao desenvolvimento de um processo ensino-aprendizagem que proporcione e privilegie as vivências humanas;
- professores propõem aos alunos a produção de jornais com esse enfoque;

- os alunos participam de todas as decisões, num sistema permanente de negociação, desde a escolha das características gráficas, passando pelo estabelecimento da linha editorial, chegando até a definição de pautas;
- professores atuam como editores, auxiliando a formular as pautas, como também orientando o trabalho de pesquisa, entrevista e redação dos textos;
- um dos professores pode ser o articulador entre outros professores, uma espécie de editor-chefe;
- a linha editorial deve abrigar não só os assuntos da escola, mas abrir e valorizar espaços para os temas emergentes que afligem, preocupam, inquietam a cada um dos alunos - como por exemplo os temas transversais propostos pelos PCNs; assim, o processo de produção poderá ser motivação para a busca, da percepção e da compreensão de significados que a escola pode e deve proporcionar;
- dessa forma, o jornal não deve ser apenas um veículo de divulgação, mas o processo como um todo deve ser um meio para a vivência da observação, da reflexão e da expressão do mundo dos estudantes; deve ser um instrumento complexo que incentive o desenvolvimento de hábitos, atitudes, posturas que proporcionem melhor percepção dos fenômenos sócio-culturais;
- os professores sistematizam os textos em forma de publicação periódica;
- durante todo o processo os professores-editores provocam os alunos-repórteres a exercerem as habilidades de observação/percepção, reflexão e expressão de mundo;
- há avaliação constante, num primeiro momento, de acordo com a ótica de uma ou mais disciplinas associadas direta-

mente àquela produção jornalística; e depois da experiência como um todo.

É fundamental ressaltar que essas *estratégias* não constituem uma fôrma que, por si, garanta determinado resultado. Também tenho dificuldade para usar a expressão “modelo”. Preferi adotar o termo *estratégias* porque supõem ritmos, enfoques, ações diferenciadas conforme a afetividade, culturalidade, historicidade e contextualidade de educandos e educadores. Assim, as estratégias são referências que servem como “ponto de partida e de chegada” para que cada professor – de acordo com sua história de vida e as histórias de vida de seus alunos – no contexto da escola e da comunidade em que vivem, construam seus próprios caminhos e etapas para percorrê-los.

Pesquisa-ação – Conscientes da importância do jornal escolar como sistema aberto para abrigar frutos de vivências humanas, educandos e educadores trabalharam nesse sentido. Para realizar essa tarefa de co-produção, recorremos aos recursos da *pesquisa-ação*. Em todos os momentos, organizando um grupo de estudos de professores, desenvolvendo reuniões e oficinas, visitando as escolas ou acompanhando as experiências do grupo, eu expunha as propostas, discutia teorias e técnicas, na mesma medida em que os projetos dos professores e a minha pesquisa se construíam. Conforme as recomendações de Thiollent, a pesquisa não exigiu apenas observar um grupo ou uma situação, mas propor ações, discutir teorias e formas de viabilização dessas ações, necessárias às produções de conhecimento – do grupo e do pesquisador (Thiollent, 1994: 13-24). A cada passo de um e de outro, observei avanços e dificuldades, acertos e dúvidas, situações de entusiasmo e de angústia.

4 Análise dos resultados

Os relatos dessa viagem, como frutos de um processo de co-participação, não se resumem aos depoimentos e às entrevistas com o

grupo, mas expressam algumas vivências relevantes do “meio do caminho” – as tidas como bem sucedidas e que proporcionaram aprendizado; outras narrativas expõem as dificuldades e as angústias e igualmente proporcionaram aprendizado, pois expressam as ações tecidas de forma dependente de educandos e educadores.

4.1 Revisão de mundo

Formar um *homem-cidadão-profissional* pode sintetizar as aspirações da educadora Waded Schabib Hany, de uma escola estadual. Conhecendo as estratégias propostas para o jornal, a professora estabeleceu suas próprias estratégias para inovar as produções em sua disciplina no curso de Magistério: “Prática de Ensino sob estágio supervisionado”. Ao surgir o *Participação – jornal de mobilização escolar*, Waded teve o veículo como meio de documentação das vivências realizadas nas atividades escola-campo – as visitas dos estagiários às escolas de ensino fundamental. Driblando os tradicionais relatórios de estágio, a responsabilidade dos estudantes passou a ser o de narrar, no jornal, suas vivências nas escolas visitadas. Educadora e educandos estabeleceram critérios para o trabalho: a) *Definição de temas geradores de notícias*; b) *Produção de textos*; c) *Redação final*; d) *Fechamento e produção gráfica*.

Para a publicação das doze edições do *Participação* durante o ano letivo de 2000, foram destinadas 20 horas/aula semanais extra-classe, sob coordenação efetiva da professora. Ao avaliar o trabalho, Waded sublinha que centrou atenção no processo e não somente no produto em si (o jornal); registrou o acompanhamento, etapa por etapa, segundo os critérios de criatividade, pontualidade, conteúdo, responsabilidade, apresentação, cooperação, receptividade e crítica.

<ul style="list-style-type: none"> ●estrita a relação professor/aluno ●sensibiliza o aluno para a importância do efetivo trabalho escolar em grupo, promovendo sua participação ●rompe formalidades, barreiras e equívocos, muito comuns em atividades escolares realizadas em grupos ●promove a produção textual com responsabilidade; ●incumbe, professores e alunos, ao uso responsável da linguagem ●desenvolve a autonomia, a criatividade e o conhecimento ●estimula a formação de opinião ●encaminha para a superação das limitações ●atua como um instrumento de diagnóstico escolar ●promove o auto-conhecimento, a auto-correção e autocrítica, numa postura reflexiva ●desmascara a realidade educacional e social 	<ul style="list-style-type: none"> ●inviabiliza o pacto velado em que “o professor finge que ensina e o aluno finge que aprende” ●desenvolve o senso de solidariedade e de justiça ●promove o debate, o embate e o conflito ●amplia sua visão de mundo, sociedade e escola e humanidade ●remete alunos e professores à necessidade de elevação da consciência coletiva ●humaniza a formação profissional do futuro educador <p>Alguns entraves:</p> <ul style="list-style-type: none"> ●ingerência de ordem administrativa ●ausência de infraestrutura para a editoração e reprodução do jornal ●falta de apoio das instâncias técnicas e administrativas da escola ●resistência por parte de alguns alunos
--	--

A exemplo de Waded, os outros educadores compreenderam essa preocupação de ter o jornal como um sistema aberto e, ao mesmo tempo, particular – próprio a cada contexto. As estratégias, desenvolvidas pelos seus colegas, são *todas semelhantes e todas diferentes*, pois têm pontos comuns e outros peculiares a necessidades e aspirações daquela escola, daquela turma. Dessa constatação pode-se entender, portanto, que os professores participantes do projeto privilegiaram o *processo*, enxergaram o todo, pois o resultado – os jornais – foi consequência do processo.

Em decorrência dessa valorização do processo, e acolhendo os pontos básicos sugeridos, percebe-se a incidência de temas relevantes – *emergentes* – que preocupam, inquietam os jovens re-

pórteres. Pautas sobre a discussão de assuntos, que os afligiam, proporcionaram-lhes as oportunidades de observar, refletir, rever, ter outros olhares sobre suas aflições e/ou conflitos. Os jornais que editaram, assim, foram mais que “descrições formais” ou noticioso produto de tarefa obrigatória, mas fruto amadurecido da relação intensa entre seres-educadores-educandos.

4.2 Viabilizando projetos pedagógicos

Aderir à produção de jornais escolares implicou que os professores pensassem num projeto pedagógico adequado aos seus novos objetivos. Em outro sentido, a produção de jornais foi um *meio adequado e interessante para que colocassem em prática muitos de seus anseios*, sejam em relação ao ensino e aprendizagem ou de pesquisa. Foi o instrumento [complexo] para elaborar ou viabilizar seus projetos pedagógicos.

Corresponder aos seus desejos individuais e coletivos, sem perder de vista também a transmissão dos conhecimentos necessários e historicamente produzidos, têm sido as aspirações dos educadores. A formação do cidadão responsável, humano, supõe trilhar esses caminhos, pela trama de conteúdos, procedimentos, atitudes, habilidades, sensibilização, reflexão. E o processo de produção de jornais escolares parece ter atendido a finalidades diversificadas, em várias faixas etárias, com pessoas e lugares diferentes.

A professora Zélia Maria P. Zago trabalhou com turmas de último ano de Magistério, numa escola estadual, em sua disciplina “Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa”. Conjugando as propostas apresentadas pelo *Jornal Escolar e vivências humanas* e sua experiência anterior, Zélia reelaborou sua metodologia para a produção do jornal e diz continuar o percurso com questionamentos e estudos no sentido de desenvolver uma prática coerente com uma concepção de educação. no período letivo de 2000, associou as finalidades de sua disciplina – prática de leitura e de escrita – às atividades da feira científico-cultural da escola. As três

classes trabalharam um tema gerador – *Profissões* –, com a publicação de uma edição cada turma. As pautas foram estabelecidas com base num ciclo de palestras realizadas durante o período que antecedeu a feira. A partir das palestras, os alunos iniciaram outras investigações, questionamentos e pesquisas, de modo a conseguir aprofundamento no assunto. A produção de textos, além de ser um exercício de síntese, no dizer da educadora, “motivou o aprendizado de que os textos do jornal não são autônomos: dialogam entre si, dependem um do outro e ganham sentido na relação que se pode estabelecer entre eles”.

Na avaliação de Zélia, a publicação da *Folha da Educação*, o *JFM* e o *Visão* foram espaços preciosos de relatos das vivências humanas. Sobre a experiência, a professora enfatiza:

- possibilidade de planejamento conjunto e participativo;
- jornal como meio mobilizador de atividades cooperativas;
- desenvolvimento individual num ambiente de troca, de cooperação e respeito ao outro;
- reconhecimento de pessoas diferentes e saberes diferentes;
- proporcionou a prática, a vivência de atitudes, posturas e oportunidades para a compreensão de que educar é um ato político.

Numa escola comunitária, a coordenadora de 1^a a 4^a séries, Anelisa Esteves, vem publicando o Jornal Pantaneiro desde 1997, como coroação do projeto pedagógico da 3^a série. Este objetiva os estudos sobre o Estado e, como destaque, dedica um olhar especial ao Pantanal, inclusive com uma viagem de estudos durante o período letivo. A partir de 1999, quando apresentei à escola minhas propostas da produção de jornais como forma de proporcionar as vivências humanas, Anelisa incorporou-se ao nosso grupo e começou a reelaborar seu projeto com vistas a essas novas perspectivas.

Em suas experiências anteriores, tinha como referência cursos de que participou e manuais disponíveis, todos com ênfase na produção da grande imprensa. Sobre essas referências, faz uma ressalva: “é preciso criticidade, pois os manuais foram produzidos com o objetivo maior de aumentar o número de leitores desses grandes jornais, considerando o modelo desse ou daquele como ideal. Uma característica preocupante desse material é a sua estrutura de manual, apresentando ‘receitas’ a serem seguidas – o professor faz isso, os alunos fazem aquilo... Eles foram organizados como livros didáticos para o professor”.

A professora sublinha que as primeiras experiências foram totalmente centradas no *produto*. Os alunos escreviam e reescreviam os textos conforme os assuntos selecionados pelos professores, o que acabava direcionando a produção para uma reprodução dos jornais conhecidos. Era obrigatória a presença de editorial, chamadas, títulos padrões, etc. Quando conhecemos as propostas do *Jornal Escolar e vivências humanas*, mudamos a ênfase para o *processo*. A discussão sobre o que sairia no jornal contou com a participação dos alunos, alguns dos textos e títulos foram menos padronizados, nossa ansiedade com o jornal diminuiu. Desde então, temos tentado rever e modificar nosso trabalho, mas sabemos que temos muito a fazer para colocar em prática mais dessa proposta. Ainda temos dificuldade para lidar com o tempo, aproveitar mais e melhor os estudos e produções dos alunos desenvolvidos ao longo do período, enfim, garantir a participação dos alunos em todos os momentos. Mas estamos conscientes da importância de ver o jornal como processo, pois o produto [o jornal pronto] será consequência”.

De um veículo para o noticiar a viagem, o *jornal* ganhou mais espaço para síntese das reflexões (da sala de aula e da viagem); de jornal para a expressão do observado, adquiriu mais a característica de jornal para a expressão da vivência-percepção. Como instrumento complexo, enfim, o *Jornal Pantaneiro* parece ter reunido desejos e interesses mais diversificados, um ambiente de maior participação e cooperação, com abordagens mais cal-

cadadas na complexidade que o Pantanal efetivamente dispõe – diversidade natural, multiculturalidade –, além de conquistar maior envolvimento, comprometimento, pelo prazer de ter maior participação em vários passos da produção.

A educadora e pesquisadora Iracema Batista Torquato, de Jaú (SP), nesse período, participou das experiências em dois momentos. Num primeiro, como vice-diretora de uma escola estadual, mobilizou professores de todos os períodos (matutino, vespertino e noturno) e de todas as áreas em torno do *Jornal Escolar e vivências humanas*. Disponibilizou o material [*ainda apostilado*] para todos os professores e iniciou o estudo e o planejamento para a produção de um jornal escolar. Nasceu o *Estudante em alerta*, reunindo as vivências de alunos e professores de toda a escola. Num exercício árduo de negociação para a seleção e edição das produções, o jornal é uma sinalização de que é possível compatibilizar as aspirações de turmas e faixas etárias diferentes e de vários períodos. A diversidade de temas, a abordagem crítica e a grande mobilização de pessoas e áreas diversificadas parecem-me as principais características dessa experiência.

Em suas primeiras edições, nota-se a pluralidade de temas e áreas de interesse. Ecologia, saúde, sexualidade, drogas, filosofia foram tratados de maneira crítica, provocadora. A Matemática – por muitos impensável num jornal – foi estimulada por jogos e desafios, como também os espaços para língua estrangeira foram tratados de forma criativa. Os fatos da própria escola foram compatibilizados com desafios à reflexão de temas sociais preocupantes, como a pobreza, moradia e emprego. Infelizmente, com a mudança de Iracema para outra escola, o jornal teve continuidade por mais algumas edições, mas perdeu muito da ‘cara’ que a educadora conseguiu dar a ele. Passou a parecer mais um noticioso oficial.

Mas foi numa instituição de ensino fundamental, da zona rural, que Iracema encontrou um campo para uma experiência muito rica e vigorosa. O desafio foi grande, a começar pelo local da escola – um distrito da zona rural. Constatou que 90% das crianças

viviam em condições miseráveis, oriundas de famílias que sobrevivem como trabalhadores rurais, com pouca escolaridade e um grande número de analfabetos. Na maioria das vezes, as crianças são vítimas de preconceitos em relação às suas atitudes que não são compreendidas pelos despreparados e inadvertidos professores de escolas urbanas, pois em geral os cursos de licenciatura não preparam seus alunos para essa realidade. Outra característica marcante que constatou foi a alta rotatividade de professores e da direção que, no seu entender, prejudica não só a ação pedagógica, mas principalmente as relações afetivas com as crianças da escola. Diante desse quadro, Iracema traçou um plano de trabalho envolvendo direção, professores e alunos da escola. Aspirações e necessidades anotadas e equipe formada, a pesquisadora Iracema pôde estabelecer seus objetivos: *ter a produção de jornais escolares como forma de contribuir com a formação de leitores críticos*. A partir daí, organizou uma seqüência de atividades – ou dinâmicas – que pudessem atender às finalidades propostas.

Um conjunto de cinco eixos – 1. *Comunidade e atividades jornalísticas*, 2. *Estabelecendo consensos e critérios*, 3. *Cidadania e participação*, 4. *Complexidade e ética da solidariedade*, 5. *Consenso metodológico* - criou condições para uma instrumentalização necessária à produção do jornal escolar, como também propiciou situações de reflexão para a definição da linha editorial – as orientações político-pedagógicas que deveriam nortear as produções. Entre as técnicas adotadas no projeto, a opção pela atividade lúdica foi de fundamental importância para a aproximação e o diálogo com as crianças daquela faixa-etária – séries iniciais do ensino fundamental.

Nasceu então o ***Pinguinho de Notícias***, título definido por meio de eleição entre os participantes. Também foram estabelecidas pela escolha dos alunos as seções do jornal: Um pinguinho de arte, Cantinho do conto, Esporte, Passatempo, Ecologia, Um pinguinho de sabor, Um pinguinho de Saúde, Eventos e Classificados.

A educadora Iracema Torquato alerta que as dinâmicas não

tiveram a intenção de ‘passar modelos’ aos professores, mas oferecer sugestões e compartilhar experiências significativas, oferecendo pistas e caminhos que cada professor poderia explorar em seu cotidiano. Avaliando sua experiência, a pesquisadora sublinha que ao conseguir esse compartilhamento de idéias e ações, numa escola rural, leva a considerar que a formação de leitores críticos dos *media*, em geral, e a produção e leitura de um jornal infantil, em especial, podem e devem acontecer desde o ensino fundamental. Como educadora comprometida, a experiência lhe trouxe o esclarecimento sobre a necessidade do educador não só acompanhar de perto os passos da implementação das tecnologias da comunicação na escola, mas também entendê-las em toda a sua dimensão política, econômica e social.

Em outro ângulo, a educadora argumenta que as modalidades de interação foram destacadas no contexto de uso sócio-comunitário imediato. Elas não foram fins em si mesmas, mas permitiram que nenhum dos participantes da experimentação permanecesse sem modificações ideológicas. Dessa forma, todos criaram conhecimentos e os socializaram através da publicação de seus textos. Os componentes da equipe de pesquisa e professores não transmitiram apenas técnicas, mas houve troca de idéias, sentimentos e experiências; houve a construção de visões de mundo convergentes/divergentes, mas sempre como coletividade integrada pelo *fazer-jornalístico-comunitário* proposto. Desse modo, enaltece Iracema, “o egoísmo, o autoritarismo e a arrogância do saber doutoral da escola tradicional não tiveram vez, nem lugar”. O respeito à realidade do lugar e da escola foi o mote para conquistar a adesão dos participantes.

Como ponto fundamental, em sua compreensão sobre a experiência, a educadora Iracema Torquato sublinha que o jornal infantil ***Pinguinho de Notícia***:

– “Contribuiu para que o comportamento dos sujeitos envolvidos se pautasse pela interação, plasmada numa ética solidária e não em condições autoritárias de conduta. Noutras palavras, entendo que vivenciamos experiências em situações de comuni-

cação efetiva e pudemos, pelas matérias produzidas, refletir a capacidade que desenvolvemos de vermo-nos comunitariamente, do mesmo modo como cremos que os outros puderam co-responder aos nossos ensejos de uma consciência crítica comunitária”.

4.3 Ambiente para as afetividades

O professor de História e Geografia, e hoje jornalista, João Batista Ferreira atuou numa escola particular por mais de oito anos. Ainda como estudante de Jornalismo, desenvolveu seu projeto experimental sobre a produção de jornais com seus alunos. Nos quatro anos em destaque, foi o educador-editor de dois jornais, o *Gazeta Estudantil* e o *Folha Teen*.

De posse do *Jornal escolar e vivências humanas* e após algumas boas conversas, João Batista colocou outro olhar em sua própria experiência. Vinha trabalhando muito próximo da forma que proponho, só não tinha clareza do alcance de seu trabalho. Foi uma bela e feliz confluência! Conseguiu visualizar melhor sua vivência e, assim, também me ajudou a compreender algumas possibilidades interessantes do jornal escolar.

A atividade era aberta a voluntários e não se restringia a cobrir o interesse de disciplina escolar determinada. Dessa forma, um grupo de alunos e professores compunha a “equipe do jornal”. Tal equipe realizava pesquisa de pauta, levantando interesses e aspirações dos colegas, assuntos que poderiam constituir as pautas a cada edição. Alguns assuntos muito próximos e presentes se sobressaem na leitura dos exemplares: namoro, sexualidade, fumo, postura dos professores.

Colégio mantido por uma fundação, localiza-se em bairro nobre e abriga filhos de classe sócio-econômica média-alta. Caracteriza-se por um ensino tradicional-conservador, uma vez que ‘prega’, no dizer de João Batista, um “ensino forte e viril”, termos compreensíveis quando se nota em sua administração a figura de um ‘diretor disciplinador’. Nesse contexto, João Batista tinha que encontrar as brechas para publicar o jornal que queria e que seus

alunos aspiravam. Tarefa nada fácil. Os temas e a abordagem desejada pelos estudantes eram quase sempre frustrados pelo olhar enviesado da direção.

Os depoimentos emocionados de João Batista faz-nos sentir e compreender suas vivências emocionantes. Entre a alegria de ver o brilho nos olhos dos jovens e a frustração de sentir na pele a censura num jornal escolar, a visão estreita de uma direção que inibe, coíbe, proíbe... O embate, o conflito ao invés de desmobilizar, uniu, integrou, fortaleceu professores comprometidos e jovens curiosos, questionadores e cheios de vida. O pretense ‘*ensino fast-food*’ para se produzir homens-máquinas, parece ter sido um tiro que saiu pela culatra. Driblando regras com criatividade e refletindo sobre as incoerências das quais foram vítimas, os pequenos repórteres saíram ganhando. Tornaram-se mais críticos, mais amigos, mais humanos.

Algumas outras experiências que pude acompanhar nesse período tiveram outra sorte, sem os obstáculos como os que encontrou João Batista Ferreira. A emoção, a afetividade podem ser observadas em páginas carregadas de ternura e significados. Na época da primeira edição do *Estudante em Alerta*, coordenado por Iracema Torquato, coincidiu com o lançamento nacional da premiada produção “Titanic”. Foi aberta a página dupla central para um texto-relato sobre o filme, com detalhes sobre atores e a publicação da letra da trilha-tema. O que num primeiro momento poderia parecer apenas um exercício de narração, tem de ser observado também pelas lentes do emocional. Era um momento de identificação com o enredo, de empatia, de desnudar-se, de livrar os poros para fruir o sentimento... e expressar seus sentimentos. Não se tratava de uma catarse coletiva, mas uma oportunidade de viajar pelas águas da afetividade, que faz o ser humano sensibilizar-se com o outro. Que mal existe no humano ser?

O *Elvira em notícias*, editado pela EE Elvira Mathias de Oliveira, foi publicado com sacrifícios *sobre-humanos*. Escola de periferia, atende a uma clientela de famílias simples; recursos para a impressão do jornal não estavam previstos no magro orçamento

da escola, o que fez a coordenação ir com o pires na mão pedir algumas cópias à Secretaria de Educação. Conseguiu apenas o suficiente para ter um exemplar por aluno participante do jornal. Da dificuldade e da simplicidade adveio a riqueza das vivências. A crônica em homenagem ao Dia das Mães é uma pérola. Mais que as linhas bem escritas, há por trás uma história de amor de uma adolescente grávida, que canaliza sua ternura ao ‘filho que cresce e amadurece com ela’. Juvelina Avanz Paquallini, uma das coordenadoras do jornal, diz que a adolescente, ao ver seu texto publicado, comentou:

Que maravilha, professora, quando meu filho nascer e crescer e ler este jornal, já terá conhecimento de quanto eu o amava, mesmo antes dele nascer”.

Vivências como as expostas aqui lembram o que Luis Carlos Restrepo chama de ‘analfabetismo afetivo’ (1998: 18-20). Para o autor, “ricos e pobres, iletrados e pós-graduados, todos acabam igualmente enredados em suas relações afetivas, provocando escândalos e maus-tratos que os dilaceram numa frustrante solidão”. Independentemente dos progressos da ciência e da tecnologia, com suas pesquisas por métodos objetivos e acuidade, cada vez mais estamos dispostos a reconhecer que o tipicamente humano, o genuinamente formativo, não é a operação fria da inteligência binária, mas o que nos caracteriza e diferencia da inteligência artificial é a capacidade de emocionar-nos, de reconstruir o mundo e o conhecimento a partir dos laços afetivos que nos impactam.

4.4 Tomando atitudes

Ao definir os conteúdos atitudinais, nos Parâmetros Curriculares Nacionais, o Ministério da Educação reconhece a dificuldade de seu tratamento na escola. O documento destaca:

“A escola é um contexto socializador, gerador de atitudes relativas ao conhecimento, ao professor, aos colegas,

às disciplinas, às tarefas e à sociedade. A não compreensão de atitudes, valores e normas como conteúdos escolares faz com que estes sejam comunicados, sobretudo, de forma inadvertida – acabam por ser aprendidos sem que haja uma deliberação clara sobre esse ensinamento” (PCNs, 1997: 51-54).

A própria ‘definição oficial’ suscita, de antemão, um questionamento: Qual o papel da escola? Qual o papel da educação? Mais precisamente, seguindo a linha teórico-metodológica que venho adotando neste trabalho: a escola deve ter como compromisso a manutenção do *estatus quo* da classe dominante ou deve atuar pela transformação da sociedade? Ou ainda, seguindo a noção articulada por Morin, de conservação e regeneração: A escola deve conservar o quê? E regenerar o quê?

Parece estar claro que a educação tem por papel fundamental preservar e transmitir, de maneira crítica, o conhecimento historicamente acumulado. Mas essa *maneira crítica* supõe, no entanto, atitudes e valores que podem determinar como e com que finalidade esse conhecimento acumulado é trabalhado. E mais, decorre dessa criticidade a formação ampla desejada pelo sistema educacional. A falta de reflexão sobre tal questionamento, como reconhece o próprio Mec, proporciona à escola o grande risco de cumprir um papel apenas conservador.

Diante desse quadro, cabe assinalar as possibilidades da produção de jornais escolares para o tratamento de valores e atitudes. Vamos anotar alguns momentos vividos nesse período que podem exemplificar tais possibilidades:

Cooperação – Conjunto de atividades estimula a cooperação - *do latim cooperare - operar com, operação conjunta* – ao contrário da competição. A postura de cooperação é fruto da vivência, da convivência, das relações humanas intensas.

Solidariedade - O processo, como um todo, leva o educando a reconhecer o outro, o diferente, a solidarizar-se com as dores universais. Quanto mais vivenciar as situações concretas de pessoalização, mais o educando poderá desenvolver sua noção de com-

paixão, de empatia, de compreensão e respeito por todos os seres sensíveis.

Curiosidade – A postura desejada ao jornalista [humano] neste projeto pode ser transmutada ao pequeno jornalista, o educando ansioso pelo novo ou pelos assuntos que o afligem, ‘o curioso que quer chegar às estrelas’. Esta característica nata do ser humano, que o ensino tradicional e conservador procura ‘podar’, pode ser estimulada, reavivada a cada momento. A produção de jornais escolares tem proporcionado essas situações de vivência de curiosidade, de motivação para a busca.

Cultura do prazer e do amor – Não precisamos sofrer na terra para desfrutar o paraíso. Traduzindo à realidade da família e da escola, “o estudantes não precisa sofrer na escola para serem alguém na vida. Se tivermos essa consciência, poderemos compreender que a vida de educandos e educadores pode ser muito mais prazerosa. Se mudarmos a *cultura do sofrimento e do temor* para a cultura do *prazer e do amor*, poderemos ter outro olhar, outro estado de espírito para tornar nosso trabalho e nossas vidas mais felizes. O conjunto de atividades exigidas pelo jornal leva à ação conjunta e solidária, numa espécie de jogo. Esta atividade lúdica, que cativa e enfeitiça a todos os participantes, sejam educandos ou educadores, é um dos fatores que tornam o fazer jornalístico na escola um prazer. Como já constatei anteriormente, o reconhecimento pelo aluno de sua autoria é outro fator de motivação que lhe proporciona alegria. Enfim, o relacionamento entre os participantes, com alegria e afeto propostos pela produção de jornais escolares tem propiciado mais que bons jornais, mas a atitude de prazer e amor.

Verdade e veracidade - Ao vivenciar a apuração de fatos, refletir, reportar, os educandos podem perceber as muitas verdades ou, mais precisamente, as muitas versões sobre a realidade observada. Ao verificar as várias matérias [diferentes] sobre o mesmo assunto, compreende a precariedade da ‘verdade absoluta’ e a necessidade de se pautar pela vigilância e pela probabilidade, e não pelo autoritarismo da certeza. Em outras palavras, o pequeno re-

pórtter internaliza a postura de não se contentar com a primeira ou uma só versão; vai investigar, vai colocar sua curiosidade e seu inconformismo à busca de veracidade.

Sujeito sensível – Da mesma forma que procuramos um sujeito crítico, almejamos um sujeito sensível. Algumas situações, já exemplificadas, revelam a natureza da criança e do adolescente de emocionar-se e de dar vazão às suas emoções. Impedir ou desprezar as oportunidades de sensibilização é ‘matar’ o próprio *ser interior* do ser humano. Dar vazão às necessidades afetivas de crianças e adolescentes, portanto, parece-me um papel fundamental da escola, para que tenhamos o sujeito mais sensível, mais satisfeito, mais feliz.

Sujeito responsável – As várias matérias que discutem as questões mais emergentes, sintetizam o esforço dos adolescentes em conhecer, reconhecer, refletir a diversidade e as adversidades – um esforço de exercício ético para ampliar sua visão de mundo, para reconhecer-se responsável.

4.5 A pedras e as brechas

As *pedras* são comuns em qualquer caminhada. O que fazer com elas? Contorná-las? Chutá-las? Pode haver mil opções, dependendo do nosso estado de espírito... As pedras são componentes naturais da complexidade da vida e da Educação, daí considerá-las normais, como lembra Morin (sd2: 20-21) entre as ações, interações, retroações, determinações, acasos que compõem nosso mundo fenomenal. Ao educador há, sem dúvida, uma alternativa singular: *aprender com elas*. E os educadores participantes das experiências tiveram que encontrar as brechas.

Nos 15 anos em que venho estudando o tema e, mais detidamente nos últimos três anos dessa fase mais recente de pesquisa, os professores enfrentaram alguns entraves que, resumidamente apresento:

- censura (ou auto-censura?)

- ingerência de ordem administrativa
- ausência de infraestrutura para a editoração e reprodução do jornal
- falta de apoio das instâncias técnicas e administrativas da escola

Acrescente-se a este quadro as dificuldades técnicas e financeiras por que passam as escolas, especialmente as públicas. No sentido técnico, produzir jornais requer equipamentos, tecnologia e, principalmente, o domínio dessa tecnologia, o que demonstrou ser um entrave real e preocupante aos participantes. Por outro lado, a impressão de jornais exige recursos, normalmente “nunca previstos” pela direção. Diretores e mesmo colegas de trabalho nem sempre entendem o objetivo e/ou o alcance de projetos como o de produção de jornais. Muitos, além de não dedicar qualquer esforço, procuram “matar” tais iniciativas.

Para um sistema educacional administrado nos mesmos moldes de produção industrial, fica muito distante a compreensão de projetos que visem humanizar o processo pedagógico. Os poucos educadores que insistem, persistem e encontrar as brechas no sistema, corajosa e audaciosamente, muitas vezes passam por “chatos”. Mas persistem, contornam as pedras.

Trabalhar com professores do ensino fundamental e médio, pareceu-me conviver diuturnamente com Belbos e Lorcás – suas angústias e vitórias, seus medos e sonhos, suas hesitações e audácias, seus tropeços e suas conquistas, suas vidas oprimidas e suas ‘brechas’. **Jacopo Belbo** é um personagem fascinante criado por Umberto Eco em *O pêndulo de Foucault*. Intelectual, dotado de boa visão de mundo, as circunstâncias impuseram-lhe o medo, a renúncia, a hesitação, a ausência – faltava-lhe a coragem para ousar. As circunstâncias o levaram a ser um *espectador crítico*. **Federico Garcia Lorca**, o dramaturgo e poeta espanhol, por sua vez, é um símbolo extraordinário da resistência, da luta, da ousadia e da perspicácia, mesmo quando “*as feridas queimam como sóis*”.

Os Belbos lutam, trabalham, insistem, mas na maioria das vezes caem na prostração, forçados por um sistema de ensino que exige carga-horária excessiva, geralmente em mais de uma escola; baixos salários, péssimas condições de trabalho, poucas oportunidades de estudar... Já os Lorcas, a despeito de todas essas dificuldades, *sobre-vivem*, não aceitam um NÃO passivamente, superam a tudo e a todos (*duas histórias de vida ilustraram este cenário*).

5 Conclusões

Após os relatos e as discussões sobre as experiências que acompanhei, este momento implica em esforços para desenvolver um exercício de síntese. O Meio do Caminho propiciou-nos a compreensão de alguns pontos relevantes:

- O Jornal escolar entendido como processo – instrumento complexo – que propicia oportunidades de abordar temas emergentes que suscitam uma revisão de mundo à busca da restauração do sujeito responsável.
- Se visto como processo, pode contribuir com a viabilização ou adequação de novos projetos – de ensino ou de pesquisa. Minhas propostas, consubstanciadas em estratégias, proporcionam oportunidades para que cada educador possa estabelecer suas próprias estratégias.
- Estas estratégias podem propiciar a trama de conteúdos, procedimentos, atitudes, habilidades, sensibilizações, reflexões. Por isso mesmo, atendeu e pode atender a finalidades diversificadas, para várias faixas etárias e em lugares diferentes.
- Pode contribuir com a formação do leitor crítico, pelo desenvolvimento das autonomias individuais e das participações comunitárias. Essa possibilidade pode e deve iniciar-se desde as séries iniciais do ensino fundamental.

- Como estratégia, que permite flexibilidade e adaptabilidade a faixas etárias e situações peculiares, promove também o sentido lúdico, que proporciona a aproximação, a sedução, a sensibilização entre crianças e adultos, exercendo os papéis sociais de educandos e educadores. O brincar e a fantasia para a criança, ou o espírito de aventura para o adolescente, constituem atmosferas lúdicas favoráveis para envolver e motivar os participantes.
- O jornal escolar, por seu processo dinâmico e pela seleção de temas não impostos, pode abrir espaços para o desenvolvimento das subjetividades, para a vivência das afetividades, das emoções; contribuindo, desse modo, para o desenvolvimento de novas sensibilidades.
- Seu processo também proporciona visualizar situações para o desenvolvimento de atitudes autônomas, posturas críticas, que podem contribuir para a conscientização da sua função social e/ou à reflexão dos valores expressos em suas matérias.
- Como processo, flexível e não autoritário, promove tanto iniciativas individuais, como também trabalhos participativos e/ou coletivos. Em outros termos, é processo de muitas mãos e, portanto, pode favorecer o desenvolvimento da humanização de todos – educandos, educadores que passam a ver a escola como: comunidade, família.

Diante das considerações apontadas, reafirmo a possibilidade do Jornal Escolar contribuir para fomentar o processo de humanização no ensino fundamental e médio através de algumas situações desejáveis:

- Sendo processo, o jornal escolar elegerá estratégias singulares que fazem dele um instrumento complexo.

- Um instrumento complexo porque busca a prática de um jornalismo humanizado [ou humanizador], que deve oferecer maiores oportunidades de observação, de reflexão e de expressão de mundo, conjugadas aos desafios técnico, ético e estético.
- Assumido por educadores comprometidos com as transformações da sociedade, que traçam suas estratégias, buscando as ‘brechas no sistema’.

6 Referências Bibliográficas

CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo. Cultrix, 1993.

CAPRA, Fritjof. *O tao da física*. Trad. José Fernandes Dias. São Paulo. Cultrix, 1995.

CAPRA, Fritjof et alli. *Pertencendo ao universo*. Trad. Maria de Lourdes Eichenberger e Newton Roberval Eichenberg. São Paulo. Cultrix/Amana, 1998.

CARVALHO, Edgard de Assis et alli. *Ética, solidariedade e complexidade*. São Paulo. Palas Athena, 1998.

CHAPARRO, Manuel Carlos. *Pragmática do jornalismo*. São Paulo. Summus, 1994.

DESCARTES, René. *Discurso do método*. Trad. M. Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo. Martins Fontes, 1989.

DINES, Alberto. *O papel do jornal – uma releitura*. 4 ed. São Paulo. Summus, 1986.

ECO, Umberto. *O pêndulo de Foucault*. Trad. Ivo Barroso. Rio de Janeiro. Record, 1989.

FREINET Celéstín. *O Jornal escolar*. Trad. Filomena Quadros Barros. Lisboa. Estampa, 1974.

- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1981.
- FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1979.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática de liberdade*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1982.
- GRECO, Milton. *Interdisciplinaridade e revolução cerebral*. 2 ed. São Paulo. Pancast, 1994.
- LORCA, Federico Garcia. *Romanceiro Gitano e outros poemas*. Trad. William Agel de Melo. São Paulo. Martins Fontes, 1993.
- MARX, Karl. *A liberdade de imprensa*. Trad. Cláudia Schilling e José Fonseca. Porto Alegre. L&PM Editores, 1980.
- MEDINA, Cremilda e LEANDRO, Paulo Roberto. *A arte de tecer o presente*. São Paulo, Media, 1973.
- MEDINA, Cremilda e GRECO, Milton (orgs). *A crise dos paradigmas – Novo pacto da ciência 1*. São Paulo. ECA/USP, 1990/91.
- MEDINA, Cremilda. *Caminhos do saber plural – Novo pacto da ciência 7*. São Paulo. ECA/USP, 1999.
- MORIN, Edgar. *O problema epistemológico da complexidade*. 2 ed. Lisboa. Europa-América, sd1.
- MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. 2 ed. Lisboa. Instituto Piaget, sd2.
- MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro. Bertrand, 1999.
- MORIN, Edgar. *A cabeça bem feita – repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro. Bertrand, 2000(a).

- MORIN, Edgar e LE MOIGNE, Jean-Louis. *A inteligência da complexidade*. Trad. Nurimar Maria Falci. São Paulo. Petrópolis, 2000(b).
- RESTREPO, Luis Carlos. *O direito à ternura*. Trad. Lúcia M. Endlich Orth. Petrópolis. Vozes, 1998.
- RICOEUR, Paul. *O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica*. Trad. Hilton Japiassu. Rio de Janeiro. Imago Editora, 1978.
- RUSSELL, Bertrand. *A sociedade humana na ética e na política*. Trad. Oswaldo de Araújo Souza. São Paulo. Cia Editora Nacional, 1956.
- SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia histórico-crítica – primeiras aproximações*. 3 ed. São Paulo. Cortez/Autores Associados, 1992.
- SAVIANI, Dermeval. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. 11 ed. Campinas. Autores Associados, 1993.
- Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília. MEC/SEF, 1997.
- THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo. Cortez, 1994.
- VYGOTISKY, L.S. *A formação social da mente*. 4 ed. Trad. José Cipolla Neto et alli. São Paulo. Martins Fontes, 1991.
- VYGOTISKY, L.S. *Pensamento e linguagem*. Trad. Jéferson Luiz Camargo. São Paulo. Martins Fontes, 1987.